

## É preciso queimar Melanie Klein? (\*)

JEAN LAPLANCHE (\*\*)

Porque escolhi este título que, aparentemente, nos remete para tempos obscurantistas, esses tempos da Inquisição, em que se queimavam as pessoas e as obras? Queimavam-se, mas não sem, antes, se ter tentado fazer confessar aos possessos a sua verdade, por elas próprias ignorada: o demónio que neles se instalara.

Sublinharei, em primeiro lugar, até que ponto as imagens de demónios, de feiticeiros e de possessão são correntes, não só na clínica, mas também na teoria psicanalítica.

Uma tese de doutoramento realizada por um dos meus alunos, sobre o demónio em Freud, mostrava até que ponto estas *imago* são co-extensivas ao pensamento freudiano e ao seu desenvolvimento. Certamente que uma visão racionalista, aparentada com a filosofia chamada «das Luzes», é outro aspecto do pensamento de Freud; onde a razão aparece, os demónios nocturnos desaparecem para sempre: *afflavit et dissipati sunt*, diz Freud, isto é, basta soprar um pouco e estes diabos dissipam-se. Mas o

entusiasmo indefectível pelos diabos não é menos forte em Freud, paixão incoercível a toda a tentativa de a reduzir a uma ilusão. De tal modo que a própria metapsicologia, o aspecto mais teórico da obra, é, por vezes, assimilada a uma feiticeira. Recordaria também a homenagem fúnebre que Freud faz a Charcot. Freud mostra, nela, como, a partir do momento em que as histéricas deixam de ser objecto de troca, a descoberta psicanalítica está próxima. Esta histérica que chora deve ter razão. E igualmente deve ter razão quando diz ignorar porque chora. É necessário, pois, supor uma clivagem da sua consciência. Mas como aceitar esta coisa estranha que é saber sem saber? Que modelo encontrar para a clivagem? Seria suficiente, diz Freud, recordar que a humanidade, desde há séculos ou milénios, dá pleno lugar a esta divisão e a este sofrimento sob o nome de possessão. Além dos exorcistas e de Charcot, toda a psicanálise está já nesse lugar.

Chegados a este ponto, o diabo converte-se num conceito ou num preconceito. Como a histérica, o posseso ou o exorcista devem, de certo modo, ter razão. A estranheza absoluta do Inconsciente é, evidentemente, o que dá o seu fundamento à ideia de possessão, cuja forma apenas um

(\*) Conferência pronunciada na Faculdade de Psicologia da UNAM, México.

(\*\*) Psicanalista. Membro Titular da Association Psychanalytique de France. Professor na Universidade de Paris VII.

pouco mais moderna seria a de corpo estranho interno. Ao próprio Freud não repugna fazer ocupar, a este fantasma da sedução, todos os lugares: o do exorcista, o do possesso e, também, o do diabo intrusivo.

Com este título («É preciso queimar Melanie Klein?») queria prestar uma grande homenagem àquela que não poucos consideram a maior criadora depois de Freud. É preciso situá-la nesta tradição resplandecente que reconhece o carácter «estranho, hostil, angustiante, do nosso munto interno».

Falou-se, a propósito de Melanie Klein, de demonologia num sentido pejorativo. A demonologia seria algo que se opõe à psicologia, algo que faz dos nossos fantasmas seres reais, agressivos, sádicos ou aterrorizadores. Tinha-se falado já do antropomorfismo de Freud para criticar, com esta palavra, a ideia de que teríamos dentro de nós como que pequenos homenzinhos que combatem entre si. Ora os objectos internos kleinianos levam ainda mais ao extremo este realismo; e é, em minha opinião, na mesma fecunda direcção — a da realidade psíquica — que o antropomorfismo e a demonologia simultaneamente conduzem. Queimam-se ainda bruxas nos nossos dias? No meio psicanalítico não se esteve longe disso em certos momentos. Outros autores narraram este cerimonial de exorcismo que se desenrolava nas grutas londrinas durante o *Blitzkrieg*: tratava-se de expulsar Melanie Klein do movimento psicanalítico; e os gestos deste cerimonial mostram que se tratava de outra coisa que não de teorias, conceptualizações ou, inclusive, de clínica. Hoje em dia, e, de certa forma, infelizmente, não se projecta já queimar Melanie Klein. Ela é negligenciada, isolada. Por vezes adere-se ao seu dogma um pouco como a uma receita. Os que isolam e negligenciam Melanie Klein são defensores de um racionalismo estreito, que desde há algum tempo esqueceu a lição in-

terpretativa de Freud. Esta lição é ainda a mesma. Melanie Klein, em certo sentido, deve ter razão.

Não me considero um defensor da filosofia das Luzes, e tão-pouco do racionalismo psicologizante que reina numa parte do mundo psicanalítico, e menos ainda sou um adepto do kleinianismo, que, como movimento e como doutrina, sempre suscitou a minha desconfiança. O que caracteriza este movimento e esta doutrina é um verdadeiro proselitismo, a ausência de questionamento dos conceitos em que se baseia e, sobretudo, o regresso, por outras vias, a um hegemonismo; isto é, a uma tentativa de fazer do pensamento psicanalítico uma explicação geral, uma psicologia de conjunto. É o caminho que me parece ser precisamente uma maneira de debilitar a contribuição kleiniana. Tão pouco me posso dizer adepto da técnica inaugurada por Melanie Klein, técnica cujo único mérito é o de ter voltado a pôr ênfase no fantasma, nomeadamente na interpretação das defesas; técnica que, não obstante, parece constituir um abandono quase total da metodologia freudiana da interpretação. O bombardeio interpretativo é apenas o seu aspecto mais palpável, o que é evidente é a imposição de um sistema simbólico pré-estabelecido, que abandona todo o «passo a passo» da análise freudiana. A análise freudiana destina-se a dar oportunidade e audiência ao processo primário; e é assombroso que uma teoria que se situa tão próximo do processo mais profundo do inconsciente não consiga traduzir-se em mais do que um método que se remete à descodificação mais estereotipada dos ditos e gestos significativos do paciente, sem tomar em conta o movimento associativo, a referência histórica e individual, ou os milhares de indícios por meio dos quais descobrimos se a interpretação vai ou não por bom caminho.

Não sou, certamente, um partidário, mas também não estou com aqueles que

decidem que as feiticeiras, as possessas dos demónios, devem ser encerradas numa espécie de *ghetto* ideológico, que os leva a desdenhar o que dizem os outros como algo que é impossível deslocar para o seu eu, considerado como a medida de todas as coisas.

A defesa contra Klein por anulação é apenas um avatar na defesa geral contra a análise e as suas descobertas fundamentais. Freud formula de maneira pitoresca esta defesa no início do seu texto *A sexualidade na etiologia das neuroses*: «Não será difícil rebater a originalidade desta teoria no momento em que se tenha renunciado a negar o seu fundamento». Enfim: é falso, e se é certo, não é novo. Reconhecemos aqui o famoso argumento do caldeirão da feiticeira, dirigido, ao mesmo tempo, contra Freud e contra Klein.

Como progride a teoria psicanalítica? Eu diria que por repetições e rupturas, por banalizações e reafirmações, por circularidade e aprofundamento. Os momentos inovadores são, também, movimento de regresso às fontes, o aprofundamento e a reafirmação de uma experiência original.

Quero recordar, agora, dois destes momentos de ruptura, dois destes momentos inspirados do kleinianismo. O primeiro é o debate sobre a psicanálise de crianças, debate entre Anna Freud e Melanie Klein; entre a herdeira pelo sangue e, também pode ser, pela letra, e a herdeira pelo espírito. Porei em evidência três pontos principais: a técnica do jogo, o problema da educação, o problema da transferência.

A técnica do jogo: Melanie Klein não inaugura absolutamente nada, mas leva ao seu máximo, à sua sistematização, esta técnica. O jogo é, para ela, um equivalente, de pleno direito, das associações livres. Qual é a objecção de Anna Freud? O jogo, diz ela, na criança, tem uma função, ou, melhor, funções: tem um papel evidente no desenvolvimento, no progresso da relação com o mundo, no domínio dos afectos, etc.

Ver nele algo de simbólico, o equivalente de um discurso, seria forçar as coisas sem justificação. Gostaria de fazer notar quanto esta questão do jogo transcende uma mera questão de técnica. Gostaria de ressaltar a essência da resposta de Melanie Klein para além do que ela o faz. O jogo, em suma — diz ela — converte-se, na análise, numa coisa diferente do jogo observado objectivamente. Na análise, o jogo converte-se no equivalente de um discurso. Como o discurso da análise se presta ao movimento de interpretação, de confirmação e de simbolização, o jogo na análise dirige-se para o analista. Acrescentaria aqui uma conclusão segundo os meus termos pessoais. É necessário reconhecer aqui o corte que se dá entre a análise e o de fora. Isto é o que designo, noutros termos, pela constituição da pequena cuba. O que só se pode fazer pela exclusão do funcional e do adaptativo. O jogo, diriam os lacanianos, é uma linguagem segundo o amor e segundo o ódio. Há que estabelecer, na linguagem, a mesma rotura que no jogo. Em todo o caso, há, em Anna Freud, muito pouca fé na análise. Ela não crê na especificidade da situação analítica.

O segundo ponto é o da objecção educativa: Anna Freud está aterrorizada pelo perigo de libertar as pulsões. Trata-se de uma concepção bastante mecanicista. Para ela, as pulsões estariam situadas do lado do puramente biológico, as defesas e o Super-Eu do lado do puramente social. Melanie Klein responde, em primeiro lugar, que nunca viu esta libertação da maldade das pulsões. E isto não obstante uma técnica resolutamente não educativa. Quanto ao fundo, faz intervir a noção de Super-Eu precoce. O Super-Eu, diz, não está decalcado sobre as proibições dos pais. A sua severidade pode ser o inverso da permissividade deles. É este um ponto que o próprio Freud foi obrigado a admitir em *O Mal-estar na Civilização*. Se isto é assim, o que se impõe é uma concepção muito

mais dialéctica. Não há o pulsional à parte do educativo, o desejo puro e, à parte, a lei pura. As proibições mais ferozes têm a sua raiz no Id, no sadismo do Id. Pensar unicamente em termos de educação é negligenciar o facto de as proibições se construírem sobre raízes pulsionais que se recusa analisar. Isto clarificar-se-á ainda mais no terceiro ponto da discussão: a transferência e a sua possibilidade.

A objecção de Anna Freud é, simultaneamente, hiperclássica, irrefutável, e, ao mesmo tempo, fora da questão. A sua referência é a análise de adultos. Aqui, a relação com os pais está distante, para trás. O Édipo já passou, como se diz. Não fica dele mais do que a recordação. E a transferência seria repetição desta situação antiga. Quanto à concepção do processo psicanalítico, o essencial é desiludir o adulto. «Você engana-se — diz o psicanalista — considerar-me seu pai ou sua mãe é realmente anacrónico». Pois bem, diz sempre Anna Freud, a relação com o pai, na criança, está ali, é contemporânea. Donde uma dupla objecção: a transferência é impossível, e, se fosse possível, seria uma verdadeira substituição, um verdadeiro roubo da criança. Como responde Melanie Klein? Ela dá, em primeiro lugar, uma resposta cronológica, genética, que não vai ao fundo das coisas. Diz mais ou menos isto: aos dois anos e meio ou aos três anos, quando recebo estas crianças em análise, o essencial do seu inconsciente está já constituído, está para trás. Digo que esta resposta não vai ao fundo porque se limita a deslocar no tempo o processo pretendido da análise de adultos, quer dizer, arcaísmo e desilusão. Pois bem, o essencial não está aí; tal como eu o interpreto, o essencial é a afirmação do mundo interior das *imago* primitivas. Estas *imago* não são a recordação de experiências reais mais antigas, não são a recordação de experiências reais, mas são, sim, o depósito introjectado destas experiências, um depósito modificado

pelo próprio processo da introjecção. Citando: «não devemos, em caso algum, identificar os objectos reais com aqueles que as crianças introjectam»; «há, entre ambos, um acentuado contraste». Assim, a introjecção é fundação de um mundo interior por um processo que nada tem a ver com a memorização. Vê-se como a resposta cronológica era insuficiente. O problema da transferência não é o de uma relação do passado com o presente. Está na relação entre este mundo interior e as relações novas que se instauram. Neste sentido, Melanie Klein não receia dizer que a relação com os pais reais é, ela própria, uma transferência. E esta é a única maneira de aclarar e justificar a análise de Hans. Isto é, o facto de Freud ter confiado o papel de psicanalista ao próprio pai da criança, o que supõe, com efeito, que era possível uma transferência. A conclusão deste primeiro ponto será, pois, dupla: afirmação do mundo interior, povoado de demónios e que não é, em nada, um traço mnésico do mundo real anterior, mesmo quando, naturalmente, recebe as suas representações deste mundo anterior; e, por outro lado, a afirmação de que a análise reitera, tanto na criança como no adulto, esta ruptura entre o mundo adaptativo e aquele em que reinam o amor e o ódio. Eis o segundo escândalo. A grande descoberta, inaugural, simultaneamente clínica e teórica, tal como é resumida no princípio do famoso artigo «Contribuição para a psicogénese dos estados maníaco-depressivos» (1934): «Dei-me conta, nos meus escritos anteriores, de uma fase de sadismo no seu zénite por que passam as crianças durante o primeiro ano. Nos primeiros meses da sua existência, o bebé dirige as suas tendências sádicas não só contra o seio, mas também contra o interior do corpo da mãe. Deseja esvaziar o seu corpo, devorar o seu conteúdo, destruí-lo por todos os meios que o sadismo propõe.» Que há aqui de novo? Qual é a descoberta? Cuidado! Nem a própria Klein,

nem os kleinianos, são, por vezes, os melhor situados para julgar, para reinterpretar a descoberta. Em suma, poderia banalmente dizer-se: Freud descobriu a pulsão de morte juntando-a à sexualidade, e Klein teria dado toda a sua amplitude a esta descoberta. Seria uma visão puramente exterior. A análise progrediria, por audições sucessivas, à medida que novos campos fossem explorados. Isto não é correcto, nem para as ciências da natureza. O movimento científico é sempre um movimento de aprofundamento. É só no plano da exigência final que se reencontram a pulsão de morte e o sadismo infantil de Melanie Klein. Mas não da maneira como um e outro podem julgá-lo. Diria que pulsão de morte não é um acrescento à teoria da sexualidade, mas, sim, o seu aprofundamento. Iguamente, a descoberta por Klein do sadismo é um aprofundamento, uma renovação da descoberta original, a descoberta dos *Três Ensaio*s, isto é, a descoberta da sexualidade infantil. É necessário, por outro lado, salientar que o sadismo é colocado na origem, antes do amor, exactamente como a sexualidade é colocada por Freud na origem, antes do amor objectal. As duas descobertas produzem-se da mesma maneira; quero dizer, a descoberta do sadismo e da sexualidade são, de modo escandaloso, impugnáveis, mas, ao mesmo tempo, inelutáveis. Em ambos os casos se trata de algo violentamente negado, combatido pelos adultos. É quase a definição freudiana da sexualidade infantil; isso que os adultos, com todas as suas forças, não querem ver. E, com efeito, trata-se de algo pouco visível para a observação objectiva. A sexualidade infantil é, sobretudo, inferida por Freud a partir da análise de adultos. Dir-se-á: «Melanie Klein aproxima-se das crianças». Seja, mas ela também infere a partir das crianças de entre 3 a 5 anos, para extrair conclusões acerca do primeiro ano.

Esta dupla descoberta é algo que contradiz parcialmente a observação directa.

Salvo em casos patológicos, nem a sexualidade infantil de Freud, nem o sadismo original de Klein são fenómenos patentes ou, em todo o caso, constantes, do comportamento do bebé. São fenómenos esporádicos, pontuais, o que não retira nada à sua significação. Recordamos o quadro horrível que Melanie Klein faz da psicologia infantil. Um quadro de destruição, de guerra, de tortura, de corrosão, de explosão, tal como o encontramos na análise do pequeno Richard. É perfeitamente ilusório pretender que este quadro encontrado na análise de uma criança de dez anos seja o decalque real, mnésico, do que se produziu na sua vida face ao primeiro e ao segundo anos. Sem insistir nesta discordância entre o bebé observado e o mundo interior reencontrada pela análise, notamos que a própria Melanie Klein viu bem esta discordância. O seu artigo «Observando a conduta de bebés» mostra-nos um quadro muito diferente. Um bebé mais calmo, mais sorridente, por vezes temporariamente raivoso, mas não o bebé encontrado na análise, que seria presa, permanente, da mais violenta luta interna.

Detenhamo-nos por um instante. Aparentemente estou a destruir Melanie Klein ao fazer sobressair as suas contradições, mas o meu objectivo é outro. É demonstrar, para além das suas contradições, como as exigências de Freud e de Melanie Klein se encontram, se aprofundam mutuamente. Esta exigência é o reconhecimento do mundo inconsciente, que é algo completamente diferente do decalque esquecido da nossa infância. É o reconhecimento da verdade da pulsão, para além das assimilações biologizantes que fariam dela uma variedade do instinto e dos comportamentos adaptativos — sem negar a existência, no ser humano, de comportamentos adaptativos, mesmo quando estes sejam, no homem, parcelares, insuficientes, deficientes. A verdade da pulsão, a sua constituição, tal como a vejo, é inseparável do que designo por tempo *auto*, o tempo *Selbst*, o retorno

sobre si próprio que é, ao mesmo tempo, a constituição do objecto agressivo interno. Se se considerar as primeiras descobertas de Freud sobre a sexualidade, estas são inseparáveis da noção de corpo estranho interno. O corpo estranho interno é um excitante a partir do interior, é algo desencadeado no interior. Este corpo estranho interno é o que se deposita no momento em que o objecto de autoconservação se perde.

Se se retomar, agora, a teoria freudiana de pulsão de morte, também aí se encontra a prioridade do tempo *auto*, isto é, do tempo da autodestruição, o do masoquismo original. Se se toma, por último, o mundo interno de Melanie Klein, novamente se encontra aí a mesma introjecção do objecto perdido, sob a forma de objecto agressivo, perseguidor interno. Para Melanie Klein, pelo menos no início da vida psíquica, não existe simbolização da ausência; a ausência do objecto satisfatório deposita sempre no sujeito o seu duplo clivado agressivo e mau. De cada vez que o objecto pacificador se afasta é o objecto excitante que se interioriza.

Provavelmente objectar-me-ão o seguinte: é necessária certa temeridade para assimilar o objecto da pulsão sexual e o objecto mortífero de Klein. A minha justificação seria, sem dúvida, demasiado longa para ser apresentada aqui, mas é certo que o carácter demoníaco, desestruturante, da sexualidade é o que está presente nas origens do pensamento freudiano. É este aspecto escandaloso da sexualidade que tende a, sem cessar, ser recoberto na evolução da psicanálise, do pensamento psicanalítico, e daí, também, que deva produzir-se um ressurgimento explícito. A pulsão de morte — que, quanto a mim, devia ser designada por «pulsão sexual de morte» — são os objectos internos mortíferos de Melanie Klein.

Regressemos a Melanie Klein ou, mais exactamente, ao que pode ser chamado o seu sistema. Há, certamente, um sistema

kleiniano, que funciona, como sabemos, pelo jogo de pares opostos e que permite todas as mecânicas e todas as estereotipias. Estas dicotomias, que são as do interior e do exterior, da introjecção e da projecção, do bom e do mau, do total e do parcial, do depressivo e do paranóide, do amor e do ódio, correm o risco de ser utilizadas mecanicamente pelos adeptos como as peças de um jogo de construção infantil; com a ajuda de um mínimo de elementos emparelhados, de oposições binárias, o mundo reconstruir-se-ia. Encontra-se aqui a tentação construtivista dos kleinianos, que não é mais do que uma forma de hegemonismo psicanalítico, de tender (uma vez mais) a converter a psicanálise em psicologia universal. A bem dizer, estes pares opostos são mais interessantes que o uso dogmático que deles se pode fazer. Há que interpretá-los, fazê-los trabalhar, mostrar que, por detrás do seu carácter mecânico, se joga uma dialéctica.

Tomemos, por exemplo, o par interiorização-projecção, frequentemente utilizado de modo não reflexivo. A primeira interrogação seria: como apresentar esta oposição sem apresentar primeiro a questão prévia: interior exterior de quê? do Eu? isto é — sem destacar os problemas de constituição do Eu —, o Eu como recinto e como limite? Voltaremos a ver que o jogo paranóide da introjecção e projecção não pode ser mais que correlativo da constituição de uma certa totalidade; isto é, de um elemento essencial da posição depressiva. Mas, sobretudo, sempre a propósito de introjecção e projecção, há lugar para questionar, fundamentalmente, a sua simetria aparente, o jogo incessante de pingue-pongue em que se encontra assente esta oposição entre os kleinianos, sendo a projecção seguida, ininterruptamente, pela introjecção, e assim até ao infinito.

Lacan teve o mérito de destacar, assim, a objecção: não há uma assimetria absoluta entre o que se chama introjectar, pôr para

dentro, e projectar? A ideia dos corpos estranhos internos, presente em Freud desde o início, e que é o centro das suas exposições, leva-nos a privilegiar a introjecção como um processo constitutivo fundamental.

A introjecção deve ser compreendida à luz dos processos que tentei descrever como traumatismo em dois tempos, ou como Sedução originária. A introjecção originária não é a repressão, pode ser o seu primeiro tempo, sendo a introdução de significantes enigmáticos que a repressão isolará num segundo tempo. Digo significantes enigmáticos para sublinhar que o universo de significantes não é, em absoluto, transmitido à criança como uma linguagem. Falamos de introjecção a propósito da análise de crianças para indicar o seu carácter fundador na constituição do mundo interior, mas também da própria pulsão. É uma coisa completamente diferente de um mecanismo de defesa, inclusive se, secundariamente, pode aparecer como mecanismo de defesa (e, neste momento, em certa simetria com o mecanismo de projecção). Podem ver que eu distingo, aqui, uma introjecção originária que é, fundamentalmente, assimétrica em relação ao jogo simétrico, mas secundário, da introjecção e projecção defensivas.

Vejamos agora a oposição entre «bom» e «mau». De todas as oposições kleinianas, pode ser a mais irreflexiva. Sem dúvida que Melanie Klein punha aspas em «bom» e «mau»; mas isso não implica que se questione certa normatividade: o bom deve triunfar sobre o mau. Ora bem, antes de se expor assim a finalidade da cura, seria necessário perguntar-se se «bom» e «mau» não implicam um ponto de vista unilateral. É bom — diz-nos Melanie Klein — o que leva à síntese; e mau o que divide e dispersa. Sendo assim, este ponto de vista de Melanie Klein não pode ser, ao mesmo tempo, o ponto de vista do Eu, órgão e organismo de síntese. Inversamente, o que

é mau para o Eu, não pode ser, em definitivo, mais que a pulsão; a pulsão que, por definição, põe em perigo o equilíbrio homeostático do Eu.

Aproximemos, por um instante, esta oposição «bom» e «mau» do problema que se designa por «neutralidade benevolente». Na benevolência analítica, qual é o bem para que apontamos?, é o bem do Eu?, e unicamente do Eu? Aqui, de novo, um mínimo de pensamento dialéctico seria indispensável para mostrar como «bom» e «mau» não são, simplesmente, produtos de um *splitting* absoluto, mas sim como giram um em torno do outro conforme a posição do sujeito e conforme a sua adesão mais ou menos absoluta à meta do Eu.

A oposição total-parcial pode servir, novamente, para uma vitória do construtivismo, numa compreensão irreflexiva como a de certos kleinianos. É o momento em que o total e o parcial são referidos unicamente à oposição da totalidade do corpo e das partes do corpo. A partir daqui nasce naturalmente a ideia de que o total deve construir-se a partir do parcial, ideia que toda a psicologia genética, fundamentada na observação, repudiaria. Mas a questão deve ser aprofundada. Não há aqui, de novo, uma assimetria profunda? A parte não pode ser parte do todo, pertence a outro registo; é um elemento frequentemente metonímico, tomado como signo ou como índice. Mas nada impede que um corpo no seu conjunto possa ser tomado como índice; e, inversamente, uma parte, uma parte do corpo seja tomada como objecto total. É este algo que Klein viu bem ao prosseguir. Assim, o seio bom, enquanto bom, é já um objecto total. De tal modo — diz-nos — que os sentimentos a seu respeito podem ser de culpabilidade, tal como a respeito da pessoa da mãe.

Resta-me pouco para falar do último par de opostos: paranóide-depressivo; mas quero sublinhar que é, certamente, o par mais fecundo em Melanie Klein. Este par é, em

primeiro lugar, fecundo pela ideia de posição que transcende explicitamente toda a redução a termos de pura e simples cronologia. Este par é fecundo, também, pela complexidade de elementos que põe em jogo, uma vez que todos os elementos precedentes se voltam a encontrar. Este par, enfim, é fecundo porque Melanie Klein nunca cessou de questionar a oposição esquemática das suas posições para as fazer trabalhar correlativamente. Quando se avança na obra de Klein, cada vez mais as duas posições aparecem como correlativas. Finalmente, a fase paranóide, o ataque pelo parcial e o mau, só se concebe em relação com uma totalidade mais ou menos completada ou mais ou menos em constituição, que recebe e contém a agressão. Inversamente, a angústia puramente depressiva, a da perda do objecto, nunca se concebe como um puro vazio, como uma pura perda. Não há simbolização da ausência que não tenha, primeiro, que fazer frente ao retorno do objecto, sob a forma de objecto mau. Assim, como afirma Melanie Klein, a oposição das angústias paranóide e depressiva acaba por converter-se em simples conceito-limite. Toda a angústia é, do ponto de vista do seu processo, igualmente paranóide e depressiva. Seria necessário, não obstante, ir mais longe, para mostrar que o que as diferencia é o problema da constituição, ou, mais exactamente, o problema da ancoragem, do sujeito. Ancoragem relativa do sujeito, que caracteriza a fase depressiva e que só lhe permite, de maneira paradoxal, tomar em conta a sobrevivência do objecto. Ancoragem que apenas se concebe como um correlato do processo de repressão e da constituição do Inconsciente.

É preciso queimar Melanie Klein? — volto à minha pergunta do início — ou, então, é preciso encontrá-la? Para, digamos, vê-la regressar, uma vez mais, sob uma forma incontrolável, como objecto mau.

Recordarei, de passagem, o que Hegel descreve como luta de morte das consciên-

cias, como pura e simples exclusão de um desejo por outro. O que Hegel não viu é que não há luta de morte que não engendre o regresso dos fantasmas. Pelo contrário, o que viu bem, foi o outro aspecto, dialéctico, o momento em que a luta de consciências se muda em dialéctica do senhor e do escravo; e sabemos que, finalmente, é o escravo, pelo seu trabalho paciente, quem sairá vitorioso. Assim, a Melanie Klein, mais que desterrá-la ou exorcizá-la, peça-mos-lhe para trabalhar, forçando o seu pensamento e a sua obra a trabalhar. Dar-nos-emos conta, então, de que qualquer trabalho de qualquer grande obra psicanalítica recobre e entrecruza-se com o trabalho de outra obra. Para além de todo o ecletismo, a nossa época deveria, em minha opinião, consagrar-se a este trabalho, a este perfilar paciente de todas as exigências.

Qualquer que seja o seu ponto de partida, qualquer trabalho de um pensamento psicanalítico ombreia com o de outro pensamento desde que se trate de pensamento verdadeiro e de trabalho verdadeiro.

*Pergunta:* Queria perguntar ao doutor Laplanche quais as diferenças que encontra na concepção de pulsão de morte entre Freud e Melanie Klein?

*J. L.:* Penso que a concepção de Freud foi ao mais profundo do ponto de vista da exigência teórica e do ponto de vista da prioridade a dar ao que eu chamo o tempo *auto*. Isto é, o facto de a pulsão de morte trabalhar primeiro a partir do interior e contra o próprio Eu. Pelo contrário, Melanie Klein desenvolveu clinicamente a descoberta de Freud, mas sem se aperceber de que era necessário partir precisamente do tempo *auto*. Só nos seus últimos textos, quer dizer, sobretudo no seu texto sobre a angústia, trata de chegar à concepção freudiana, mas creio que o faz imperfeitamente. Do meu ponto de vista, é através de um conceito como o de introjecção primária, isto é, pelo processo que transforma objectos

internos completamente diferentes e agressivos, que se pode encontrar a articulação entre pulsão de morte de Freud e o pensamento de Klein.

*Pergunta:* Relativamente aos diferentes destinos possíveis — mundo interior, o Eu e o Super-Eu... — o que, ou quem, é que determinaria esses destinos?

*J. L.:* Decerto que, para Melanie Klein, a ideia é de que a projecção é primária. E quando aparece a ideia de que a projecção é primária, a concepção correspondente da pulsão é tal que nos satisfaz em absoluto; quer dizer, uma pulsão que não estivesse ligada a nenhum objecto, seria uma força pura e simplesmente biológica. Por isso tendo a considerar este tempo de deflexão de Melanie Klein como mítico; e o único momento em que vejo aparecer a pulsão é o momento em que o objecto se

cliva, se se quiser dizer assim, não no sentido da clivagem em bom e mau exactamente, mas sim no sentido em que se deposita, a partir do objecto de autoconservação, um significante que está em relação metafórica ou metonímica com ele. Evidentemente que não falo de significante de linguagem, distinguindo-me, nisto, absolutamente de Lacan. Se prefere, tenho tendência para aproximar a ideia de Sedução primária; ou, ainda, a ideia, que se encontra originalmente em Freud, de que há uma espécie de depósito anterior à repressão. Uma espécie de interno-externo que torna o objecto simultaneamente excitante e agressivo para o Eu. Não sei se respondo cabalmente. De qualquer modo, fazer trabalhar Melanie Klein é, evidentemente, fazê-la sofrer, torturá-la e sem dúvida que ela não estaria de acordo com o que aqui foi dito.

# LOGOS

## PUBLICAÇÃO FILOSÓFICA

Saiu, no passado mês de Junho, o n.º 1 de *Logos*, publicação filosófica editada pelo Centro de Estudos e Divulgação 'Filosofia Aberta', sendo directores Adelino D. Cardoso, Carlos Fontes e Luis Pedro Morais. A Nota de Abertura dá-nos conta dos motivos que levaram ao lançamento desta nova revista:

*«É conhecida a inapetência da instituição universitária para, entre nós, abrir espaços de diálogo comum público não-universitário. Esta constatação não visa anular ou esvaziar de sentido os passos consistentemente dados num outro sentido de há alguns anos a esta parte.*

*No campo específico da filosofia, a revista Análise é o último e, a nosso ver, o mais significativo ensaio de colocar à disposição de um público mais ou menos vasto as investigações em curso na Universidade Nova de Lisboa.*

*Logos é, para o colectivo que promove o seu lançamento, a produção de um novo espaço de reflexão, aberto ao contributo de todos quantos, dentro ou fora da instituição universitária, encaram a prática da Filosofia como modo de estar na cultura que, entre nós, se faz. É nossa intenção alargar este espaço, dar voz aos professores de Filosofia do Secundário que encaram o ensino da Filosofia como forma específica de produção filosófica.*

*Logos é uma revista de Filosofia, consciente dos efeitos que a utilização da revista, como forma de comunicação filosófica, tem sobre a prática de escrita e de reflexão. Atenção aos acontecimentos filosoficamente relevantes, ao jogo de posições que, a cada momento, caracterizam a tensão própria do campo em que a Filosofia mexe. Atenção ao diálogo das produções filosóficas com as restantes áreas culturais, no intuito de detectar as interacções e excitações recíprocas.*

*Cada um dos membros do colectivo editorial responsável pela Logos esteve, de alguma forma, ligado à Filosofia Actual, uma revista que esboçou alguns passos (três números publicados), mas não resistiu à acumulação de um certo número de equívocos paralisantes.*

*Melhor que qualquer projectos de intenções, pensamos, pode este primeiro número de Logos representar a abertura de um novo espaço de comunicação e debate filosóficos».*

São os seguintes os artigos deste primeiro número: «Sentido(s) da Filosofia Hoje», por J. Lopes Alves; «O Carácter Relacional do Universo Real», de Luis Morais; «O Poder a Caminho do Deserto», de Adelino D. Cardoso; «A Des-Sacralização do Figurativo», por Nuno Nabais; e «Pedagogia por Objectivos/Pedagogia com Objectivos» por Olga Pombo.